

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 3 - "O cativo e a sua causa"
Jeremias 21 a 30

Elaborado por Pedro Vieira Veiga
pedrovieiraveiga@hotmail.com

Hoje, continuando o nosso estudo do livro de Jeremias, iremos rever o conteúdo dos capítulos 21 a 30. Nestes capítulos as admoestações e ameaças que Jeremias trouxe ao povo finalmente tomam forma através de Nabucodonosor. Este rei da Babilônia derrota os Egípcios e, no reinado de Jeconias, sucessor de Jeoaquim, chega até Jerusalém. Após cercar e invadir a cidade, ele leva para a Babilônia Jeconias, boa parte dos poderosos de Jerusalém e muitos dos tesouros do Templo. Zedequias é então coroado, tornando-se assim o terceiro dos filhos de Josias a chegar ao trono.

Politicamente, os primeiros anos que se seguem à sua coroação, que ocorreu em 597 a.C., são bastante tranquilos para Zedequias. A Babilônia passara a ser inquestionavelmente o grande poder da região e quem pagasse os seus tributos em dia não teria muito o que temer. Contudo, Zedequias e o povo agora têm um grande problema teológico e social para resolver. Como explicar a queda de Jerusalém e a profanação do Templo? O Templo não era a casa do Senhor e Jerusalém a sua cidade? Assim, eles recebem ainda mais uma chance para dar ouvidos a Jeremias e reconhecer que o seu pecado anulou estas garantias. Mas, ao invés de fazerem isto, eles colocam toda a culpa naqueles que haviam sido deportados. Opondo-se a este posicionamento, Jeremias fala dos dois cestos de figos, no capítulo 24.

Mas a mensagem de Jeremias não é apenas para o povo que permaneceu em Judá. Ele escreve uma carta para os

exilados, que encontramos no capítulo 29, na qual os exorta a levarem uma vida o mais normal possível, já que o eles permaneceriam na Babilônia por longos anos. Contudo, os exilados também optam por permanecer com seus pecados e não lhe dão ouvidos, ansiando acima de qualquer outra coisa pelo seu retorno a Jerusalém.

Alguns anos depois, em 593 a.C., Zedequias recebe, em Jerusalém, embaixadores de diversos reinos da região. O assunto desta conferência era uma possível coalizão contra a Babilônia. Jeremias é contrário a esta proposta e o demonstra colocando um jugo sobre o seu próprio pescoço, como vemos nos capítulos 27 e 28. Não se sabe ao certo se por prudência política ou se por haver ouvido, finalmente, a mensagem de Jeremias, mas o fato é que Zedequias optou por permanecer subserviente à Babilônia.

Contudo, a sabedoria de Zedequias não durou muito e, cinco anos mais tarde, ele cedeu às pressões e se negou a pagar o tributo. A partir de então foram iniciados os eventos que levaram à segunda deportação e à destruição de Jerusalém. Mas isto é assunto para a semana que vem.

Para nós, hoje em dia, todos estes eventos e os que os seguiram sejam de fácil explicação. Não estamos satisfeitos em dizer simplesmente que o povo pecou, não se arrependeu quando teve a chance, e por isso o Senhor o levou cativo para a Babilônia? Todavia, se pararmos um

pouco para refletir, veremos que ler sobre este processo 2500 anos depois que ele aconteceu e chegar a algumas conclusões é uma coisa. Vivê-lo é outra, totalmente diferente. Não que os eventos que culminaram no exílio não tenham tido causas e conseqüências bem visíveis, mas nós jamais compreenderemos este processo completamente se assumirmos que o povo tinha a mesma percepção dele que nós temos hoje. Portanto, acho que vale a pena nos esforçarmos um pouco observando de que forma Jeremias expunha a sua mensagem ao povo. Quem sabe assim possamos compreender melhor a perspectiva que aquele povo tinha dos eventos que culminaram no exílio babilônico.

A linguagem profética tem uma característica que é ao mesmo tempo a sua grande força e a sua grande fraqueza. Esta característica está na enorme capacidade do profeta de lançar mão da cultura e dos valores do seu povo para falar de maneira violentamente clara e sincera. O profeta não apresentava uma linguagem abstrata e conceitual, mas sim palavras absolutamente concretas e de sentido inquestionável. Quem o ouvisse não poderia ficar indiferente – ou considerava-o um louco perigoso ou permitia que aquelas palavras fortalecessem a sua consciência de uma forma surpreendente. Contudo, é justamente aí que também está a grande fraqueza da linguagem profética. Será que palavras construídas com tanto cuidado para impactarem as mentes dos cidadãos da Judá do século VII a.C. terão o mesmo efeito sobre mim, um brasileiro vivendo em pleno século XXI? É claro que não! Na verdade, este cuidado que o profeta teve para criar uma linguagem tão forte para o seu povo funciona de maneira inversa comigo – quanto mais claro ele

for para o cidadão de Judá, menos claro ele será para mim!

A fim de que possamos ver, na prática, como isto funciona, vamos adaptar os versos de Jr 22.20 para o nosso contexto. O texto original diz:

Jerusalém, suba ao Líbano e clame,
Seja ouvida a sua voz em Basã,
Clame desde Abarim,
Pois todos os seus aliados foram
esmagados.

Se estivesse falando hoje, Jeremias poderia muito bem estar dizendo:

Washington, suba a Londres e implore,
Que todos te vejam em Madri,
Implore desde Roma,
Pois todos os teus aliados foram
esmagados.

Independente do sentido desta passagem – pois o objetivo aqui não é dar-lhe um novo sentido – estas palavras não ganham uma nova vida ao serem adaptadas ao nosso mundo? E se conseguíssemos fazer o mesmo com todos os textos proféticos, será que os livros proféticos não teriam um apelo muito maior entre nós? Ou será que esta adaptação tornaria o texto tão impactante que muitos fugiriam dele, considerando-o, no mínimo, de mau gosto?

Mas os profetas, e Jeremias em especial, não falaram só através de versos. Hoje em dia, quem não conhece aquele ditado que diz: “uma imagem vale mais do que mil palavras”? Mas apesar de no tempo de Jeremias provavelmente não ter sido assim, sem dúvida este profeta sabia disto. Lembremos dele andando pelos pátios do templo com um jugo – o aparato para prender o boi pelo pescoço a um carro – sobre os seus ombros, ou

quebrando um vaso junto ao portão da cidade, ou indo buscar um cinto podre junto ao Eufrates. Todas estas ações tinham significados claríssimos para os seus espectadores. Mais uma vez, o profeta não deixava a possibilidade de permanecer indiferente a ninguém.

Dessa forma, podemos finalmente chegar a uma conclusão: a grande diferença entre a nossa perspectiva destes acontecimentos e a perspectiva daqueles que ouviram o próprio Jeremias proferir estas palavras é a emoção. Nós observamos todos estes eventos principalmente com a razão. Aquele povo não podia fazer isto. Eles estavam tão imersos naquele processo que simplesmente não podiam abrir mão dos seus sentimentos. Mas o profeta não considerava isto ruim – pelo contrário, ele incentivava essa tensão emocional com o intuito de derrubar todas as certezas daquele povo pecador e assim fazê-lo ver o quanto o seu Deus o amava.

A partir desta conclusão, para mim fica difícil continuar olhando para este povo

unicamente através de um breve resumo da sua história. Como poderíamos continuar fazendo isto uma vez que percebemos que se tratam de muito mais do que nomes em um folha – esse povo era feito de pessoas de carne e osso, como eu e você! Pessoas que podiam ser amáveis ou indiferentes, generosas ou mesquinhas. Assim, é preciso que nos esforcemos mais na hora de ler o texto bíblico caso a sua mensagem não tenha superado as barreiras que edificamos em nossas mentes. É preciso que esta mensagem chegue aos nossos corações, assim como as palavras de Jeremias chegaram ao coração daquele povo, pois cabe ao coração escolher o caminho que iremos seguir.

Por fim, como Jeremias sabia tão bem, precisamos colocar tanto as nossas emoções quanto a nossa razão diante do Senhor, porque, como ele disse, “você me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração” (29.13).

Nos vemos na semana que vem.